



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

ESCREVIVÊNCIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: MANIFESTOS CONTRA  
O RACISMO, A POBREZA E O SEXISMO NAS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E  
DIÁRIO DE BITITA

MAYRA DIAS GARCIA

CAMPINA GRANDE

2022

ESCREVIVÊNCIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: MANIFESTOS CONTRA  
O RACISMO, A POBREZA E O SEXISMO NAS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E  
DIÁRIO DE BITITA

MAYRA DIAS GARCIA

Trabalho apresentado ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador (a): SILEDE LEILA OLIVEIRA CAVALCANTI

Campina Grande

2022

MAYRA DIAS GARCIA

ESCREVIVÊNCIAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS: MANIFESTOS CONTRA  
O RACISMO, A POBREZA E O SEXISMO NAS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E  
DIÁRIO DE BITITA

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em \_\_/\_\_/\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador (a)

---

Examinador (a)

---

Examinador (a)

À minha vovó Lindalva, ao meu grande amigo Rodrigo,

espero que possam ver daí.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha vovó Lindalva “in memoriam”, por ser a melhor mãe que conseguia ser para mim, por ter sido a maior incentivadora dos meus estudos desde os primeiros anos escolares. Também ao meu pai, João Dias, um homem que foi e é, o maior exemplo de honestidade, coragem e respeito da minha vida. Ao meu irmão, Samuel que tornou com o seu nascimento a minha vida mais feliz. À minha madrinha e tia Marinalva por todo o apoio e cuidado.

Agradeço também ao meu tutor do PET- História, Doutor José Luciano de Queiroz Aires, por não ter deixado de acreditar em mim, pelos ensinamentos que levarei para toda a vida e por ter apoiado minha trajetória acadêmica. Também ao Centro Acadêmico de História João Pedro Teixeira, que foi um espaço de refúgio e luta na graduação.

Agradeço à minha professora, orientadora e conselheira Silêde Leila na graduação de História pela UFCG, por sua generosidade, compreensão e paciência. Ao professor Gervácio Batista Aranha de quem fui monitora na disciplina de Teoria da história por dois semestres e todos os professores da unidade de história, que tornaram possível esse momento. A professora Liliane que ajudou tanto no estágio do curso e agradeço pela confiança de ceder o espaço da sala de aula.

A minha primeira amiga, Raylla, minha amiga “veia” por todos os biscoitos que dividiu comigo, por ter me defendido quando eu nem merecia e lido todas as redações ruins que escrevi para passar no ENEM. Ao meu amigo Ronier, por todas as longas ligações, pelos conselhos e a paciência com os meus surtos ao longo de mais de 15 anos. Também a minha amiga Caroline do Nascimento Sales, por quem nutro uma profunda admiração e que nunca duvidou da minha capacidade de chegar a aqui, e foi a pessoa que conseguiu me arrancar sorrisos durante as piores fases de minha depressão, com quem dividi muitos dos meus sonhos e espero fazer o mesmo com as realizações.

À Rodrigo “in memoriam”, meu irmão gêmeo de coração, por todas as conversas, choros e incentivos, por ter feito a adolescência mais felizes, por me ensinar como reconhecer um “macho escroto” por exemplo próprio, por ser tudo que precisava, amigo, irmão.

Agradeço inclusive aos afetos que desenvolvi na graduação, em especial a Lucas, que foi parte fundamental na escolha desse tema, com nossas intensas discussões madrugada adentro sobre raça e racismo e que leu os primeiros esboços do que viria a

culminar nessa pesquisa. A Rodrigo Pires e Ana Beatriz pelo apoio, carinho, conversas no CA e lanches compartilhados, por todos os dias maravilhosos que me impediram de trancar a graduação.

Aos maiores presentes que ganhei na graduação, Mona Tarsila e Thiago Alves, pessoas cuja a importância na minha vida não consigo descrever. Obrigada por estarem comigo nos bons e maus momentos, obrigada pelas palavras de carinho e pelos puxões de orelha. Sou pouco religiosa, mas é o fato de ter vocês na minha vida, que me faz acreditar que algo de muito bom existe por aí. Esse trabalho também pertence a vocês, e espero que sempre possa mostrar o imenso carinho, respeito e admiração que carrego pelos dois. Também a todos os meus amigos e amigas não citados, pelas conversas, os cafés e rolês tornaram esse momento possível.

Também agradeço a todo o movimento negro, aos pretos e pretas que tornaram possível minha entrada na universidade e a validade da minha fala/escrita. A *Batalha das Quebradas* se tornou um espaço de aquilombamento para mim. Meu desejo é agradecer a todos e todas que estiveram comigo ao longo dessa caminhada, a minha ancestralidade preta e indígena, aos meus orixás, a oxosis por me guiar como uma flecha. Por fim e enfim, agradeço a todas as Mayra que já habitam meu corpo, a criança chorona, a adolescente obcecada e a jovem adulta multitarefas, respeito e amo cada uma.

*Pois é, Brasil, eu nunca tive um “boot” de mil  
mas no sistema eu vou tentar dar uma bota  
porque eu quero ver, meu bem,  
quando no ENEM eu tirar 100  
eles falarem que foi cota.  
(Lucas Penteadó, 2016)*

## RESUMO

Este trabalho objetiva analisar a marginalização dos negros e negras pós-abolição no Brasil até as décadas de 1960-1970, condição enfatizada e denunciada nas obras de Carolina Maria de Jesus: *Quarto de despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Diário de Bitita* (1986). Nessas obras a autora dá ênfase à situação precária de mulheres negras e periféricas, revelando também como as pessoas se utilizam da produção artística e literária como uma estratégia para denunciar o racismo, o sexismo e a pobreza. Metodologicamente esse estudo é exploratório, visto que, o objetivo do trabalho é proporcionar maior conhecimento juntamente com o problema, para assim tornar mais explícito. A abordagem aplicada aos diários pesquisados é qualitativa, pois avalia a visão de mundo da autora, levando em consideração a falta de capacidade do sujeito inserido no contexto de analisá-lo integralmente, destacando os aspectos. Para atingir os objetivos deste estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica essa reflexão foi desenvolvida a partir dos conceitos de escrevivência da Conceição Evaristo, interseccionalidade da Akotirene, colonizado do Frantz Fanon e nó trouxe da Saffioti buscando recuperar a história mutilada dos negros no Brasil.

Palavras-chave: LITERATURA AFRO-BRASILEIRA, AUTORIA FEMININA, QUESTÕES SOCIAIS E RACIAIS, GÊNERO

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<b>CAPÍTULO I: MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA: MODERNIZAÇÃO E DESIGUALDADE NO BRASIL DE PRETAS(OS) .....</b>	<b>13</b>
1.1 - <b>POR UMA LITERATURA COMO MISSÃO: POETIZANDO A VIDA E POLITIZANDO IDENTIDADES ATRAVÉS DE ESCRITOS SUBALTERNOS</b>	
1.2 - <b>CAROLINA MARIA DE JESUS EM CENA: CORPOS DE MULHERES PRETAS, PERIFÉRICAS E POTENTES NA ESCRITA E NA DENÚNCIA</b>	
1.3- <b>SOBRE( VIVÊNCIA) DE UM CORPO ESCRITO COM E PELA PERIFERIA</b>	
<b>CAPÍTULO II- A SALA DE ESTAR À ELITE PAULISTA E O QUARTO DE DESPEJO AOS HOMENS E MULHERES POBRES E PRETOS .....</b>	<b>21</b>
2.1 - <b>UMA LITERATURA MARGINAL OU MARGINALIZADA?: AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E DIÁRIO DE BITITA COMO DISPOSITIVOS DE DENÚNCIA</b>	
<b>CAPÍTULO III- NÓ NA GARGANTA, APERTO NO CORAÇÃO E CORPO EM COMBATE: ABANDONO SOCIAL E SILENCIAMENTO E LUTA DOS CORPOS SUBALTERNOS .....</b>	<b>25</b>
3.1- <b>OS NÓ FROUXOS DE UMA ESCRITORA SUBALTERNA: POBRE, PRETA E “PERIGOSA”( MULHER)</b>	
3.1.1- <b>“É UMA PENA VOCÊ SER PRETA. ESQUECENDO ELES QUE ADORO MINHA PELE PRETA E MEU CABELO RUSTICO”: UMA ESCRITA POÉTICA QUE RECUSA O RACISMO, O MITO DA ABOLIÇÃO E DA DEMOCRACIA RACIAL</b>	
3.2- <b>“NÃO SOU EU UMA MULHER”? OS ROSTOS FEMININOS E PERIFÉRICOS QUE CAROLINA MOBILIZA</b>	

### **3.3 “AS AVES DEVE SER MAIS FELIZ QUE NÓS”: OS PÉS HUMANOS QUE NÃO PODEM VOAR DA FOME**

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....36

REFERÊNCIAS.....37

## INTRODUÇÃO

Passou o tempo da angústia mas ficaram as cicatrizes. Cicatrizes que eu olho e me emociono pois é através delas que eu to aqui no slam, de pé e recitando. [...]

**Minha revolta pow, é por mim e todas as manas que já foram silenciadas, eu grito por todas vocês boy. Jamais fiquem caladas!** (Babina, 2022)

A minha trajetória em direção ao meu objeto de estudo foi permeada por continuidades e descontinuidades, porém movida pelo vontade de fazer ecoar a voz do grupo que pertencço: mulheres, pobres e negras. Ler o texto de Carolina Maria de Jesus, não me desperta apenas empatia pela condição de vida dessa mulher, mas traz à tona a lembrança de uma infância nada fácil, onde a fome se tornou a principal lembrança da época em que morei com minha mãe em Natal-RN. As descrições da poetiza me remetem a frase que mais me marcou na primeira infância “deita que a fome passa”. O próprio Diário de Bitita, por vezes me recorda infância que não pude ter, do trabalho na casa dos outros, da venda de fruta na feira e da brincadeira com outras crianças que, assim como eu, não tinham a real noção do que estava acontecendo.

O meu corpo é atravessado por marcadores que também pesavam sobre Carolina de formas tão diferentes, posso afirmar ainda que me sinto acolhida e entendia por suas obras. O xingamento que Carolina Maria de Jesus retrata em Quarto de Desejo, em 1958, “negrinha fedida” é o mesmo que ouvi durante a infância e o mesmo que ouvi de uma aluna do curso de história no meio da graduação. Então, mais do que dar voz a escritora, estou, por meio desta monografia, também expondo as minhas próprias dores e indignações.

Sinto que estou em dívida com mulheres como a Carolina, que sendo uma subalterna, impedida de falar, resistiu. E, apoiada em seus legados, cheguei ao nível superior. Não subestimo o mérito que tive em conseguir contrariar as estatísticas, mas deixo claro que não conto uma história de superação ou de meritocracia ,mas escrevo sobre como a estrutura social foi injusta comigo e sobre as dores causadas por ela. Dessa forma, levanto a questão: Em que medida as obras de Carolina Maria de Jesus podem ser usadas para retratar a exclusão dos negros e negras no Brasil no processo pós abolição até

as décadas de 1960-1970? Estes livros podem ser vistos como material propulsor de luta contra o racismo, sexismo e miséria? São questionamentos necessários, mas nem sempre com respostas diretas e seguras. Mas, o importante é que ela mova meu existir e essa escrita.

Como objetivo deste trabalho destaco os seguintes: a) Conhecer sob uma perspectiva teórico-conceitual e histórica os problemas sociais enfrentado pela população marginalizada no período pós abolição no Brasil; b) Discutir sociológica e historicamente as obras da escritora Maria Carolina de Jesus, como um espaço de denúncia o racismo, sexismo e miséria; c) Investigar as estratégias de resistência propostas por Carolina diante do machismo, racismo e preconceito de classe da sociedade brasileira.

A importância dessa pesquisa se revela na tentativa de dar visibilidade a um grupo social excluído através de uma representante marginalizada, como a Carolina Maria de Jesus. Em uma tentativa de dar voz a uma autora que, apesar de ter ganhado espaço nos últimos anos, ainda se encontra limitada a uma única obra, esta pesquisa propõe explorar suas obras de forma sistemática. E, portanto, tem sua importância justificada na medida em que procura refletir sobre o machismo, racismo e pobreza dentro da subjetividade de uma mulher negra que lutou diariamente contra essas opressões.

A metodologia empregada na análise dos diários foi a separação de três eixos temáticos principais, e não por obra analisada como convencionalmente acontece. Tentei trazer as imbricações das questões de gênero, raça e classe representadas por Carolina, não apenas do ponto de vista material ou objetivo, mas também sensorial e subjetivo. Todos esses elementos se misturam para a autora e, por vezes, reflete-se como um marcador social, produzindo outro, em uma espécie de *nó* de gênero, raça/etnia e classe (SAFFIOTI, 2015, p. 133). E é sob essa perspectiva que irei analisar seus escritos no terceiro capítulo.

No primeiro capítulo, intitulado "Memória, história e literatura: modernização e desigualdade no Brasil de pretas(os). Discutir o papel da literatura produzida por subalternos na emancipação desses sujeitos históricos. Aproximando, como testemunho histórico, a escrita e a própria vida Carolina Maria de Jesus da história da população negra e marginalizada no Brasil. No segundo capítulo, "A sala de estar à elite paulista e o quarto de despejo aos homens e mulheres pobres e pretos" trouxe um pequeno resumo das obras da escritora, mostrando também o processo de publicação, difusão das obras da

autora e sua aceitação/marginalização no meio literário paulista. No terceiro capítulo "Nó na garganta, aperto no coração e corpo em combate: abandono social e silenciamento e luta dos corpos subalternos", por fim, faço um corte metodológico dos três principais eixos de escrita da Carolina Maria de Jesus: a raça, gênero e classe social. Tentando manter claro a intencionalidade dessas temáticas para a autora.

## CAPÍTULO I

### **1- MEMÓRIA, HISTÓRIA E LITERATURA: MODERNIZAÇÃO E DESIGUALDADE NO BRASIL DE PRETAS(OS)**

Quem matou pelos cifrões tem sangue em taças  
que brinda.

Com planos de raças extintas, cruzaram navios  
negreiros. Pra plagiar Moisés tingiram o mar de  
vermelho.

Pros peixes beberem sangue e a memória ser  
deturpada, nos livros de história ter caligrafias  
falsas.

(Mano Horas, 2022)

#### **1.1-POR UMA LITERATURA COMO MISSÃO: POETIZANDO A VIDA E POLITIZANDO IDENTIDADES ATRAVÉS DE ESCRITOS SUBALTERNOS**

A literatura, em especial a produzida por grupos subalternizados, é capaz de denunciar realidades, expor hipocrisias, sensibilizar leis e decretos. A escrita subalterna de mulheres negras como Carolina Maria de Jesus, Lélia Gonzales e Conceição Evaristo registram e expressam aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo sob o qual incide, tornando-se a expressão de uma luta por emancipação política, uma espécie de clamor por justiça social e direito no sentido amplo.

Assim, é possível refletir sobre literatura na perspectiva da história social, para Chalhoub e Pereira:

a proposta é historicizar a obra literária –seja ela conto, crônica, poesia ou romance –, inseri-la no movimento da sociedade, investigar as suas redes de interlocução social, destrinchar não a sua suposta autonomia em relação à sociedade, mas sim a forma como constrói ou representa a sua relação com a realidade social–algo que faz mesmo ao negar fazê-lo. (1998, p.7)

Nesse sentido, a literatura, como testemunho histórico ou formas de representação da realidade, fornece uma fotografia que registra a realidade que é selecionada e retrata episódios conforme a subjetividade do escritor, mas é limitado pelo alcance do tempo e contexto. Precisam ser interrogadas e analisadas, como qualquer outro documento pois conforme ensina Le Goff , sobre o documento como monumento, “produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que a detinham”. (1990, p. 545)

As obras da escritora Carolina Maria de Jesus possibilitam pensar as fontes documentais como passíveis da aproximação entre literatura, memória e história, conforme Fernanda Rodrigues de Miranda (2013)

A prática literária é articulada à própria experiência do espaço periférico, o que torna esta produção, antes de repertório de técnicas literárias, ferramenta para entendimento e a organização social: uma estratégia que rompe a compreensão da literatura apenas como bem espiritual, fonte de ilustração e prazer desinteressado. Nesse sentido, as reverberações ultrapassam o campo do estético, visto que a literatura é significada também como uma forma de articular a experiência de morar na periferia. (MIRANDA, 2013 p.17)

E portanto, é possível através das obras dessa mulher preta, o *Diário de Bitita e Quarto de despejo*, expor o mito da abolição da escravatura, mostrando que o processo de emancipação do povo negro no Brasil foi na verdade o abandono a própria sorte após séculos de exploração de sua força de trabalho e desumanização de seus corpos. O que Fátima do Carmo Silva Santos, secretária da União Negra Ituana (UNEI), chamou de “demissão’ em massa do povo negro” (SANTOS Apud MONTEIRO, 2012, p. 361)

Não havendo, portanto, espaço para uma real democracia racial no Brasil. Florestan Fernandes afirma nesse sentido que “o mito - não os fatos- permitem ignorar a enormidade da preservação de desigualdades tão extremas e desumanas, como são as desigualdades raciais no Brasil”(FERNANDES, 2017, p.34). Esta é a função do mito da democracia racial brasileiro, ocultar a realidade. Pois o processo de abolição não construiu uma estrutura livre de preconceitos, nem combateu a hegemonia branca

dominante, ela apenas fez a manutenção dos privilégios da cor. Nesse sentido, Clóvis Moura (1994) evidencia que

(...) não podemos ter democracia racial em um país onde não se tem plena e concreta democracia social, política, econômica e cultural. Um país que tem na sua estrutura social vestígios do sistema escravista, com uma concentração fundiária e de rendas das maiores do mundo; governado por oligarquias regionais retrógradas e brancas. [...] Quando democratizarmos, realmente, a sociedade brasileira nas suas relações de produção quando os pólos do poder forem descentralizados através da fragmentação da grande propriedade fundiária e o povo puder participar desse poder, quando construirmos um sistema de produção para o povo consumir e não para exportar, finalmente, quando saímos de uma sociedade selvagem de competição e conflito, e criarmos uma sociedade de planejamento e cooperação, então teremos aquela democracia racial pela qual todos nós almejamos. (MOURA. 1994, p. 160).

Assim Moura expõe a fragilidade do mito, apontando a construção social e econômica do Brasil e a condição de subalternidade a que estão relegados, Assim anunciando: “Podemos dizer que os problemas de raça e classe se imbricam nesse processo de competição do Negro, pois o interesse das classes dominantes é vê-lo marginalizado para baixar os salários dos trabalhadores no seu conjunto” (MOURA, 2014, p.219). Não falamos aqui de uma simples herança escravocrata, mas da formação social do Brasil, onde o racismo faz parte do capitalismo dependente, produz a divisão racial do trabalho e ferramenta de dominação das camadas populares.

Em recente trabalho O jurista Silvo Almeida (2018), expõe que o racismo atua na esfera política, no direito e na economia de forma ideológica, sendo o alicerce que estrutura a sociedade moderna. Assim, as instituições brasileiras são a materialização de uma estrutura social que tem o racismo enquanto base fundante – seu componente orgânico, formando uma massa marginalizada como afirma Gonzalez e Hasenbalg (1982)

As condições de existências dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico e social ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões e conjuntos habitacionais. (GONZALEZ; HOSENBALG, 1982, p.15)

Utilizamos a dialética da relação dos marcadores sociais porque como pontua Akotirene (2020), não existe hierarquia de opressão, “Identidades sobressaltam aos olhos

ocidentais, mas a interseccionalidade se refere ao que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, depois de enxergá-las como identidades” (AKOTIRENE, 2020, p. 46). E que conforme afirma o psiquiatra negro e marxista Frantz Fanon, nascido na Martinica, em *Pele negra, máscaras brancas* (2008, p. 85), “é utópico procurar saber em que um comportamento desumano se diferencia de outro comportamento desumano”. Por tanto a classe não pode ser analisada sem a raça, e que ao excluir gênero dessa equação inviabilizam o grupo mais afetado: as mulheres pobres e negras. Nesse sentido Davis aponta muito essa exploração:

Os comportamentos dos donos de escravos para as mulheres escravas eram: quando era rentável explorá-las como se fossem homens, sendo observadas, com efeito, sem distinção de gênero, assim o faziam, mas quando elas podiam ser exploradas, castigadas e reprimidas em formas ajustadas apenas às mulheres, elas eram fechadas dentro do seu papel exclusivo de mulheres (DAVIS, 2013, p. 11).

Essa experiência foi repetida no Brasil, onde segundo Munanga e Gomes (2016, p.133) “A negra que, durante o período escravista atuava como trabalhadora forçada, após a abolição, passa a desempenhar trabalhos braçais insalubres e pesados.”. Tornando evidente que para a mulher negra, a discussão de qual marcador é mais importante não é apenas mais uma forma de apagamento e deslegitimação. A literatura de Carolina permite dar ênfase a esse grupo populacional marginalizado, bem como cor, classe social e gênero, sem se desligar da estrutura social a que pertencem, pois conforme afirma Ávila (2011), “a força de trabalho que se vende é indissociável do corpo que a porta, e as suas formas de apropriação e exploração estão definidas não só pelas relações de classe como também de ‘raça’ e de gênero” (ÁVILA, 2011, p. 65).

Pois, nos momentos de crise econômica e social as pessoas mais afetadas são mulheres negras que estão na base da estrutura social. Conforme Lélia Gonzalez “[...] na medida em que existe uma divisão racial e sexual de trabalho, não é difícil concluir sobre o processo de tríplice discriminação sofrido pela mulher negra (enquanto raça, classe e sexo), assim como sobre seu lugar na força de trabalho” (GONZALEZ, 2018, p. 42). Veremos a seguir como esses marcadores recaem sobre a Carolina Maria de Jesus e como ela nos representa em suas obras.

## **1.2 – CAROLINA MARIA DE JESUS EM CENA: CORPOS DE MULHERES PRETAS, PERIFÉRICAS E POTENTES NA ESCRITA E NA DENÚNCIA**

Para analisar as obras é preciso entender o lugar social que ocupa a autora, esse conceito da historiografia definido por Michel de Certeau como “um lugar de produção socioeconômico, político e cultural” (CERTEAU, 2002, p. 67) ou seja, de “sujeito-mulher-negra que descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira.” (EVARISTO, 2005, P.54) Permitindo compreender que as obras são fruto da trajetória de uma mulher negra, pobre, favelada, semianalfabeta e mãe solo, o que auxilia a escritora a formar um pensamento crítico à hegemonia dominante e assim também pensar as pretensões da Carolina na escrita de suas obras. Nesse sentido, Miranda (2013) afirma:

O fato da narrativa ser composta na forma de um caderno de memória potencializa a estética-do-corta-silêncio, da qual emergem contra memórias coloniais. Diário de Bitita é tecido como uma colcha de retalhos, costurando diversos pedaços de histórias e vivências de pessoas que, juntas, formam um quadro plural e complexo donde é possível apreender a configuração do Brasil rural pós-colonial através da fala do sujeito negro. Memórias situadas numa primeira pessoa irreduzível, performática e linearmente composta. Organizando a vida em capítulos de um cotidiano permeado pela diferenciação social, o racismo estrutural e a violência em diversos níveis. (MIRANDA, 2013, p. 29)

Portanto, a trajetória de Carolina, marcada pelo racismo, pobreza e misoginia, auxilia a escritora a formar um pensamento crítico à hegemonia dominante. Essa condição é evidenciada por Conceição Evaristo que aponta como possibilidade de superação a noção e prática da escrevivência, a qual define assim: “A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra” (EVARISTO, 2005, p. 6). Uma escrita cunhada pela dor, fome, pelo preconceito, mas também é uma escrita que se nega a deixar de (re)existir.

Diversos mitos são questionados por Carolina Maria de Jesus desde o desenvolvimentismo brasileiro como positivo, até a suposta abolição da escravatura. Também é preciso reafirmar que a escrita de Carolina Maria de Jesus segue o que escritor marxista Frantz Fanon afirma sobre a escrita do colonizado “O homem colonizado que escreve para seu povo deve, quando utiliza o passado, fazê-lo com o propósito de abrir o futuro, convidar à ação, fundar a esperança” (FANON, 1968, p. 193).

### 1.3- SOBRE( VIVÊNCIA) DE UM CORPO ESCRITO COM E PELA PERIFERIA

Para contextualizar a vida da escritora Carolina Maria de Jesus, recorro aos trabalhos biográficos elaborados por José Carlos Sebe Bom Meihy e Roberto M. Levine e também as próprias memórias da escritora. Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914 na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais. Fruto de uma relação extraconjugal, não chegou a conhecer seu pai, e por isso se sentia à margem desde a infância, como revela em sua obra póstuma *Diário de Bitita* (apelido de Carolina na infância), também nessa obra é revelado que Carolina era neta de um ex-escravizado e que o sobrenome dele é herança dessa condição sub-humana:

Será que cada criança precisa ter um pai? O pai de minha mãe foi Benedito José da Silva. Sobrenome de sinhô. Era um preto alto e calmo. Resignado com a sua condição de soldo da escravidão. Não sabia ler, mas era agradável no falar [...]. Eu achava bonito ouvir a minha mãe dizer: — Papai! E o vovô responder-lhe: — O que é, minha filha? Eu invejava a minha mãe por ter conhecido pai e mãe (JESUS, 2007, p.13).

Carolina tem como um dos eixos centrais de denúncia a questão racial sendo exposta a essa diferença social ainda criança, como revela, “eu sabia que era negra por causa dos meninos brancos. Quando brigavam comigo, diziam: / – Negrinha! Negrinha fedida!” (JESUS, 2007, p. 95). Nessa experiência de ser acusada como negra, assemelha-se a descrição feita por Fanon (FANON, 2008):

Mamãe, olhe o preto, estou com medo! Medo! Medo! [...] Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas – e então detonaram meu tímpano com a antropofagia, com o atraso mental, o fetichismo, as taras raciais, os negreiros, e sobretudo com ‘y’a bon banania (FANON, 2008, p. 105-106).

A partir desse momento, ainda na infância, Carolina foi tomou conhecimento que a cor da sua pele determinava a forma como as pessoas lhe viam e principalmente a forma como lhe tratavam e essa marca foi carregada pela poetisa por toda a vida, indo ao encontro do que afirma Abdias do Nascimento (2016, p.97)

[...] desde a abolição do escravismo, a população negra brasileira continuou concentrada nos degraus inferiores da hierarquia social. Em contraste com a população branca, parte majoritária da população negra localiza-se nas regiões menos desenvolvidas do país. A maior parte não tem escolarização requerida pelo mercado de trabalho, por isso, permanecem ocupando sempre os postos menos remunerados, pois temos no Brasil, uma estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente. (NASCIMENTO. 2016, p.97)

Carolina, conseguiu frequentar a escola, o que era muito difícil nesse período, estudando na escola particular Allan Kardec, primeira escola espírita do Brasil, paga por Dona Maria Leite Monteiro de Barros, uma mulher de descendência francesa para quem a mãe de Carolina trabalhava como lavadeira, e mantinha uma posição de grande condescendência com as pessoas negras “Eu sou francesa, [...] sou muito rica, auxílio vocês porque tenho dó. Vamos alfabetizá-los para ver o que é que vocês nos revelam: se vão ser tipos sociáveis e tendo conhecimento poderão desviar-se da delinquência e acatar a retidão” (JESUS, 1986, p.123).

A desigualdade social marcou toda sua infância, e ao lembrar é possível notar um tom de revolta: “O filho do pobre, quando nascia, já estava destinado a trabalhar na enxada. Os filhos do rico eram criados nos colégios internos. Era uma época em que apenas a minoria é que recebia instruções. (JESUS, 2007, p. 46). A própria Carolina trabalhava na roça e nas casas ajudando sua mãe. Mesmo com essas dificuldades, a autora logo desenvolveu gosto pela leitura, seu diário revela como a ausência de livros em sua casa era um desafio “*Oh, mamãe! Eu já sei ler! Como é bom saber ler! Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. A nossa casa não tinha livros. Era uma casa pobre. O livro enriquece o espírito*” (JESUS, 2007, p. 129), e por isso considerava a escola um dos ambientes mais importantes de sua vida.

Anos depois da morte de sua mãe em 1937, muda-se para São Paulo em busca de emprego, por ser uma grande metrópole muito se falava sobre as muitas oportunidades. Chegando na cidade, dormiu na rua, até conseguir um trabalho como empregada doméstica, o que lhe dava acesso à biblioteca dos patrões e passou a morar em cortiços na região central da cidade. Em 1948, passou a morar às margens do rio Tietê, na favela do Canindé (SILVA, 2008, p. 60).

Carolina teve três filhos: João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, mas não chegou a se casar. Para sustentar as crianças, começou a ser catadora de papel. Também foi catando papel que conseguiu montar uma pequena biblioteca e escrever seus diários dos livros e cadernos que encontrava no lixo.

Foi nesse espaço que Carolina escreveu seu primeiro livro *Quatro de despejo: diário de uma favelada*, que analisamos nesta pesquisa, um retrato da pobreza das comunidades periféricas brasileiras nas décadas de 50-60 DO SÉCULO XX. A autora teve muita dificuldade para conseguir publicar sua obra, enviando para várias editoras, mas sem sucesso, até que em 1958 conheceu o repórter Audálio Dantas (SILVA, 2013, p. 7).

O repórter ficou impressionado pelos textos de Carolina, prometendo a ela que faria a publicação. Carolina entregou a ele cerca de vinte cadernos nos quais narra como era sua vida e dos demais moradores na favela. É preciso salientar que Audálio realizou um processo de censura nos textos, como ele mesmo afirma “Conservei a linguagem e a ortografia da autora, sem alterar nada. No trabalho de compilação, houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante [...]” (DANTAS, 1961, p. 9). O que abre a discussão sobre o porquê da não correção dos erros ortográficos da obra, como acontece com o de diversos escritos pela editora. É possível imaginar que queria preservar não apenas a escrita de Carolina mas também criar uma imagem exótica dos seus textos.

Parte desses escritos foram publicados inicialmente no jornal Folha da Noite, e depois na revista O Cruzeiro, sendo só então publicado pela Editora Livraria Francisco Alves, traduzido em 14 idiomas, vendido em mais de 40 países e, em seus primeiros seis meses após o lançamento, vendeu mais de dez mil exemplares. Esse sucesso não foi o suficiente para se salvar do esquecimento “Tratava-se de uma escritora negra, pobre, semianalfabeta e que de repente viu-se diante do dilema de não ser acolhida por nenhum grupo.” (COSTA, 2008, p.52)

O preconceito sentido pela Carolina no meio de uma elite intelectual que ela passa a circular é evidente. Ela conta por exemplo sua participação na festa em homenagem a Clarice Lispector pelo lançamento do livro *Maçã no escuro* (1961)

(...) Dia 19 eu fui na festa da escritora Clariçe Lespector, que ganhou o prêmio de melhor escritora do ano com o seu romance “maçã no escuro”. A recepção foi na residência de Dona Carmem Dolores Barbosa. Tive a impressão que a dona Carmem não apreciou a minha presença. E eu fiquei sem ação. Sentei numa poltrona e fiquei. As madames da alta sociedade iam chegando. E me complimentavam. A Ruthe de Souza quando chegou não me complimentou. Coisa que foi notado por todos (JESUS, 1996, p. 201).

A escritora, apesar de agora acessar o circuito literário paulista, se encontra de canto, esquecida, mal vista, como “um objeto fora de uso”. Chegou a publicar posteriormente mais dois livros autobiográficos *Casa de Alvenaria: o diário de uma ex-favelada* (1961) e o *Diário de Bitita* (1980), porém não obteve tanto sucesso e morreu em 13 de fevereiro de 1977 na pobreza, em um sítio em Parelheiros, esquecida, marginalizada e silenciada da história, vítima de uma crise de asma.

## CAPÍTULO II

### **2- A SALA DE ESTAR À ELITE PAULISTA E O QUARTO DE DESPEJO AOS HOMENS E MULHERES POBRES E PRETOS**

"Vocês falam que a escravidão acabou mas eu digo que não. Enquanto eu declamo uma poesia mais um nigga tá no chão.[...]

E toda essa revolta, cê acha que é em vão? Com a gente foi chicotada, tapa na cara, fome e perseguição. Agradeço a zumbi dos Palmares que disse foda-se essa dominação" (Young Lose, 2022)

#### **2.1- UMA LITERATURA MARGINAL OU MARGINALIZADA?: AS OBRAS QUARTO DE DESPEJO E DIÁRIO DE BITITA COMO DISPOSITIVOS DE DENÚNCIA**

O seu primeiro livro de Carolina Maria de Jesus, foi publicado em 1960, *Quarto de despejo*, foi escrito com os cadernos que encontrava no lixo e retrata a vida da autora na comunidade paulista do Canindé, no período de 1955 a 1960. Podemos dizer que essa obra foi semi-marginalidade, ela chegou a ser bem recepcionada na década de 1960, principalmente pelos intelectuais progressistas brancos, mas com uma espécie de exotismo e desvalorizado do ponto de vista literário. A autora logo caiu no ostracismo devido às críticas e dúvidas postas sobre sua escrita e principalmente, ao fim da efervescência dos movimentos sociais devido ao Golpe de março de 1964, pois conforme a própria Carolina a respeito da censura a *Quarto de despejo* em Portugal "É próprio dos ditadores não gostar da verdade e dos negros". (MEIHY.1998)

A obra *Diário de Bitita*, foi publicada primeiramente na França, em 1982, e apenas quatro anos depois, em 1986, a editora Nova Fronteira publicou o texto no Brasil, apesar do título, o gênero textual da obra não é diário, mas sim uma autobiografia. O próprio título da obra é capaz de revelar pontos interessantes, o primeiro é que Carolina nomeou o livro, de acordo com Miranda (2013), como "Um Brasil para os brasileiro ou minha vida" o que pode ser um indício das intenções de Carolina com a produção e segundo a opção editorial por nomear como diário, revela o impacto que sua primeira obra forjou. Produzido no final da vida de Carolina, é um relato pessoal sobre sua

infância e adolescência, com a autora muito mais madura e agora desiludida com a vida literária, reclusa no seu sítio em Parelheiros/SP. O livro permite acompanhar a Carolina adulta e consciente do racismo, sexismo e pobreza, que se transporta pelos relatos de memória até a criança Bitita, que tentava entender o mundo.

As obras estudadas são um compilado de textos autobiográficos, cheio de expressões de sensibilidades que, apesar das discontinuidades devido aos hiatos de escrita, são modos de fazer compreender a fome, miséria, racismo e machismo cotidianamente enfrentados pela escritora. Ela utiliza o recurso da repetição para prender o leitor ao sentimento ou sensação, por exemplo em *Diário de Bitita*, ela vai narrar diversos momentos de fome “Que fome que eu passava” (JESUS, 2014, p.166).

Carolina, portanto, ao registrar em seu diário o aumento da desigualdade social, cria uma ferramenta para tirar da obscuridade as denúncias da industrialização, enquanto que o crescimento exponencial das favelas na cidade de São Paulo era ocultado pela mídia desenvolvimentista. Essa atitude se configura em denuncia e resistência ao sistema opressos e desigual e evidencia como a população foi inserida no projeto de desenvolvimento, sem o planejamento para as condições básicas. A industrialização a todo custo excluiu a participação da população pobre no processo de desenvolvimento, relegando à condição de massa marginal.

O *Diário de Bitita*, por outro lado, está dividido em 22 capítulos, sendo: infância; as madrinhas; a festa; ser pobre; um pouco de história; os negros; a família; a cidade; meu genro; a morte do avô; a escola; a fazenda; retorno à cidade; doméstica; a doença; a revolução; as leis da hospitalidade; a cultura; o cofre; medium; a patroa e ser cozinheira. A obra traz reflexões sobre o período de pós-abolição da escravatura, relatando as memórias de Carolina entre 1914, ano de seu nascimento, a 1937, ano em que migrou para a cidade de São Paulo.

Logo, com os olhos de uma mulher negra do início da década de 70, a autora expõe as falhas não sanadas pelo Estado, em garantir o mínimo de dignidade aos grupos marginalizados. Além disso, a imbricação das questões de gênero, raça e classe são representadas por Carolina não apenas do ponto de vista material ou objetivo, mas também sensorial e subjetivo. Podemos ver *Bitita* ser estigmatizada e, mesmo, acusada como negra. Nesse sentido, me debruço a refletir sobre o que ser negro/negra implicava socialmente, problematizando sobre a posição social que as mulheres e ocupam e até se

questionando porque ela era uma mulher e sobre a sua condição social. Fica nítido que, em toda a escrita existe um firme desacordo e/ou indignação com a situação de pobreza que se foi imposta. Todos esses elementos se misturam para a autora e, por vezes, reflete como um marcador social, vai produzir outro.

Os diários da catadora de papel, Carolina Maria de Jesus, devem ser analisados a partir do contexto em que foi escrito, pois as memórias autobiográficas de Carolina estão entrelaçadas na memória histórica, assim como afirma Marina Maluf (1995, p. 35), a “história de uma vida é parte integrante da história mais geral”. Dessa forma, Carolina mantém em seus registros o nome de todos os agentes políticos importantes no período. Barbos (2011) escreveu sobre a autora: “Ninguém sai ileso neste "juízo", Juscelino Kubitschek, Adhemar de Barros, o Serviço Social, os atacadistas, a polícia, o serviço público e claro, seus vizinhos, são todos alvos das palavras e das observações de Carolina” (BARBOS, 2011, p. 1).

Partindo desse ponto, a teoria desenvolvimentista, iniciada no governo Getúlio Vargas (1930 – 1945), buscava tornar o Brasil uma grande potência sem sanar os problemas sociais e até mesmo às custas deles, atingiu seu auge na segunda metade da década de 50, período em que a obra de Carolina foi escrita. No período do governo Juscelino Kubitschek que é marcado pelo Plano Nacional de Desenvolvimento e Modernização com o lema “50 anos em 5”, é possível observar como as perspectivas de Carolina contrapõem a história oficial do desenvolvimento econômico e industrial, trazendo à tona os custos humanos desse processo, como afirma o estudioso Carlos Silva (2013, p.3):

Representa a voz que foi sufocada durante anos por todos aqueles que ficaram a enxergar apenas o lado positivo dos anos cinquenta e esquecendo que o chamado desenvolvimentismo também gerou um lado negativo, que endividou durante anos o país, causando miséria e desigualdade social. Quarto de despejo é a outra face do desenvolvimentismo de JK: o lado feio, sujo, pobre e esquecido pelo Brasil (SILVA, 2013, p. 9).

Carolina, portanto, ao registrar em seu diário o aumento da desigualdade social, cria uma ferramenta para tirar da obscuridade as denúncias da industrialização, produzindo segundo o sociólogo Clóvis Moura “um dos livros mais representativos sobre a situação do negro marginalizado” (MOURA, 2021, p.251) A autora registra em seu texto não apenas a sua opinião sobre os fatos, mas escreve como as pessoas populares,

operários e periféricos enxergavam essa ebulição social. Corroborando com Maria Odila Dias, “incorporar à historiografia essas tensões sociais de cada dia implica a reconstrução da organização de sobrevivência de grupos marginalizados do poder e, às vezes, do próprio processo produtivo” (DIAS, 1995, p. 15).

Enquanto o crescimento exponencial das favelas na cidade de São Paulo era ocultado pela mídia desenvolvimentista, a cidade se consagrava como a grande metrópole do Brasil, de acordo com Barbos (2011):

“São Paulo, a cidade que mais cresce no mundo”, este era o slogan da cidade da garoa quando em 1954, completava 400 anos. Era uma exaltação das maravilhas paulistanas, suas conquistas, suas indústrias, suas ruas sendo cada vez mais modernizadas, bondes da Light circulando pelo centro, luzes elétricas, costumes sendo modificados que iam culminando na construção do “modo paulista de ser” (BARBOS, 2011, p. 6).

A população foi inserida no projeto de desenvolvimento, sem o planejamento para as condições básicas. Por isso Carolina vai dizer que existiam duas cidades em São Paulo, sala de estar, onde havia saneamento básico, melhores condições de vida e o quarto de despejo, onde toda a população que não conseguia se encaixar, era escondida para morrer em miséria segundo Carolina como “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33). A industrialização a todo custo, exclui a participação da população pobre no processo de desenvolvimento, relegando à condição de massa marginal.

Esse período também é marcado pela resistência dos movimentos sociais e a formação de um novo sujeito político, mobilizado pelos problemas gerados pelo crescimento industrial, entre 1950 a 1964, que seria a junção de três grupos e classe sociais, a classe operária, classes populares e setores da classe média, de acordo com Murilo Leal Pereira Neto “as aproximações entre movimento operário, movimentos populares de bairro, movimento estudantil e setores da classe média nas lutas contra a carestia e nas quatro greves gerais bem sucedidas do período, em 1953, 1954, 1957 e 1963.” (PEREIRA, 2009. p. 226). Com quatro principais reivindicações: melhores salários e condições de trabalho; fim da “carestia dos preços”; melhores condições de moradia e representação política. Mesmo sem fazer parte de nenhum movimento social organizado, ao longo do *quarto de despejo*. Carolina se posiciona sobre essa política, e com sua própria vida experiência o lado oculto do desenvolvimento.

Por isso Carolina vai dizer que existiam duas cidades em São Paulo: “sala de estar”, onde havia saneamento básico, melhores condições de vida; e o “quarto de

despejo”, onde toda a população que não conseguia se encaixar era escondida para morrer em miséria, segundo Carolina, como “objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo” (JESUS, 1997, p. 33). Ou seja, escondido, oculto, como se a sua existência fosse prejudicial a organização e desenvolvimento da própria cidade

## CAPÍTULO II

### **3- NÓ NA GARGANTA, APERTO NO CORAÇÃO E CORPO EM COMBATE: ABANDONO SOCIAL E SILENCIAMENTO E LUTA DOS CORPOS SUBALTERNOS**

“O filho da patroa que eu amamentei, hoje tá grande, é um homem, trabalha com a lei.

Uma dia eu sozinha, trabalhando na pia, ele não viu problema, ele não teve pena.

Ele se sujeitou, ele abusou a força, me deitou e não teve amor **e disse que era o meu corpo e a minha cor, eu me senti uma escrava e ele o senhor.**” (Kalu, 2022)

#### 3.1- OS NÓ FROUXOS DE UMA ESCRITORA SUBALTERNA: POBRE, PRETA E “PERIGOSA”( MULHER)

Para analisar os diários da Carolina Maria de Jesus, como anteriormente citado, escolhi fazer um corte de temática e não por obra estudada, utilizando a metáfora do *nó* da Saffioti ao analisar a intersecção dessas relações:

O nó formado por estas três contradições apresenta uma qualidade distinta das determinações que o integram. Não se trata de somar racismo + gênero + classe social, mas de perceber a realidade compósita e nova que resulta dessa fusão (...). Uma pessoa não é discriminada por ser mulher, trabalhadora e negra. Efetivamente, uma mulher não é duplamente discriminada, porque, além de mulher, é ainda uma trabalhadora assalariada. Ou, ainda, não é triplamente discriminada. Não se trata de variáveis, mas sim de determinações, de qualidades, que tornam a situação destas mulheres muito mais complexa (SAFFIOTI, 2015, p. 122-3)

É importante salientar que Saffioti não está propondo uma ideia de rigidez ou de imobilização desses sujeitos mas um perspectiva de análise mais complexas, onde gênero, raça e classe e outros marcadores de diferenciação sejam analisados sem hierarquias, nesse sentido ela explica “Não se trata do nó górdio nem apertado, mas do nó frouxo, deixando mobilidade para cada uma de suas componentes” (Saffioti, 2015, p. 133) O desafio de se debruçar e analisar os escritos de Carolina é perceber a riqueza, porque torna quase impossível isolar os temas em seu trabalho. Como a autora está em uma zona de cruzamento doloroso de opressão, alienação e exploração, os temas se entrelaçam formando um *nó frouxo*. Nesse estudo isolamos três temáticas para melhor análise, mas sem perder de vista a sua interdependência, mais explícitas na escrita de Carolina: racismo, machismo e pobreza.

### **3.1.1- “É UMA PENA VOCÊ SER PRETA. ESQUECENDO ELES QUE ADORO MINHA PELE PRETA E MEU CABELO RUSTICO”:** UMA ESCRITA POÉTICA QUE RECUSA O RACISMO, O MITO DA ABOLIÇÃO E DA DEMOCRACIA RACIAL

Carolina expõe a condição da população negra no Brasil em seu período de modernização, onde Moura assegura que “Os escravos, como fica muito claro, estavam excluídos desse processo de mobilidade social, bloqueados pela sua condição de cor e classe e por isso mesmo impossibilitados de competir nesse processo de modernização na área do trabalho (MOURA, P. 65, 1994) A necessidade de entender a questão do racismo como estrutural no Brasil, se explica pelo passado colonial e a permanência de uma estrutura racista, que se produziu e reproduziu sob bases classistas e patriarcais. Bem como afirma Sueli Carneiro (2019):

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências (CARNEIRO, 2019. p.326)

O pensamento de Carolina produz uma denúncia sistemática à forma com que as pessoas negras são vistas, representadas e sobre sua condição material. Em todo momento de escrita, a autora revela como sua vida é permeada pelo racismo e como ela

resiste a essa pressão com uma proposta antirracista de mundo. Partindo da vida de Carolina é permitido observar como as ideologias dominantes apagam a luta negra ao afirmar que a abolição é um marco emancipatório e que o racismo no Brasil é mais brando.

A autora liga diretamente a condição de miséria que vive à cor de sua pele e afirma que o povo negro que antes era assolado pela escravidão, agora enfrentava a fome: “e assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual – a fome!” (JESUS, 2014, p.33). Nesse sentido, a autora vai mostrar que essa libertação é falsa e que a condição do negro em nada melhorou, indo contra o pensamento branco hegemônico que insiste em heroicizar personagens a exemplo da princesa Isabel, como grande símbolo de libertação das senzalas. Podemos recorrer a Michel Pollak (1989) que afirma: “aqueles que, ao forjar uma memória oficial, conduziram as vítimas da história ao silêncio e à negação de si mesmas” (POLLAK, 1989 p.7) E por isso, essa memória oficial apaga o trabalho do movimento antiescravagista de todo o Brasil e as resistências que iam desde a formação de comunidades quilombolas até arrecadação pública de fundos para a compra de alforrias dos escravizados no movimento abolicionista (MATTOS, 2014)

Carolina, resistindo a esse discurso dominante, não só afirma que a escravidão persiste, como culpa essa hegemonia branca pelos males do mundo: “Enfim, o mundo é como o branco quer. Eu não sou branca, não tenho nada com estas desorganizações” (JESUS, 2006, p. 70). Ou seja, o branco é responsável pelo abandono dos ex-escravizados, sem acesso à terra, educação e outros direitos básicos, tendo que lidar com os males do racismo na sociedade.

Logo, o “paraíso das três raças”<sup>1</sup> foi pensado pelos brancos, a suposta harmonia apenas existia para o branco e os frutos dessa falácia eram servidos aos brancos. e como afirma Gonzalez

(...) o resultado da violentação das mulheres negras por parte da minoria branca dominante: os senhores de engenho, os traficantes de escravos etc. E este fato teria dado origem, na década de 30, à criação do mito que, até os dias de hoje, afirma ser o Brasil uma democracia racial. Gilberto Freyre, famoso historiador e sociólogo brasileiro, é seu principal articulador com sua “teoria” do “lusotropicalismo”. O efeito maior desse mito é a crença de que o racismo é inexistente em nosso país, graças ao processo de miscigenação (GONZÁLEZ, 1979. p 03)

Nesse sentido, a autora evidencia as continuidades da escravidão com o preconceito das pessoas, a falta de empregos e a violência física que os negros sofrem

---

<sup>1</sup> Gilberto Freyre na obra Casa Grande e Senzala de 1933 vai consolidar o mito da democracia racial no Brasil.

até mesmo por parte de um órgão do Estado como a guarda civil, como expõe Carolina: “Ele estava revoltado com guarda civil que espancou um preto e amarrado numa árvore. O guarda civil é branco. E há certos brancos que transformam pretos em bode expiatório. Quem sabe se guarda civil ignora que já foi extinta a escravidão e ainda estamos no regime da chibata?” (JESUS, 2014, p.108).

Esse tom poético que Carolina exprime em seu texto, retrata a cor da periferia no Brasil. Ao citar os seus vizinhos, a autora costuma descrever sua cor, o que revela aos leitores a predominância de pessoas negras na periferia em que vive e a concepção que tinha sobre negros e brancos. Ao citar Dona Domingas, por exemplo, disse: “é uma preta boa igual a pão” (JESUS, 2014, p. 51), ao elogiá-la. Com relação a Florenciana, para insultá-la disse: “É preta. Mas tão diferente dos pretos por ser ambiciosa. Tudo que ela faz é visando lucro. Creio que se fosse dona de um matadouro havia de comer os chifres e os cascos dos bois.” (JESUS, 2014, p. 76).

É possível extrair dessa posição, a luta de Carolina para fugir dos estereótipos racistas, o próprio ato de escrever é se contrapor a uma ideia de inferioridade negra Fanon relata “Desde que era impossível livrar-me de um complexo inato, decidi me afirmar como negro. Uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer” (Fanon, 2008, p. 108). Em seu texto, mais uma vez observamos uma experiência compartilhada entre os autores: “Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles me responderam – É uma pena você ser preta. Esquecendo eles que adoro minha pele preta e meu cabelo rustico” (JESUS, 2014, p. 64), reforçando a ideia de que as pessoas negras estão ligadas ao trabalho braçal e nunca ao intelectual por uma questão inata à raça.

Nesse sentido, Frantz Fanon afirma que “aquilo que se chama de alma negra é frequentemente uma construção do branco” (FANON, 2008, p. 30). Ou seja, não existe biologicamente, ou essencialmente nenhuma diferença entre negros e brancos, apenas uma construção branca do outro como inferior com a criação de estereótipos onde as pessoas negras estão ligadas ao trabalho braçal e nunca ao intelectual por uma questão inata à raça. Nas palavras de Carolina: “o branco diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? [...] A natureza não seleciona ninguém” (JESUS, 2014, p. 65).

Ao analisar a situação do negro no Brasil, a autora se apoia em uma analogia entre o povo judeu e o povo negro:

Hoje é dia da páscoa de Moisés (*sic*). O Deus dos judeus. Que libertou os judeus até hoje [...] Moisés quando via os judeus

descalços e rotos orava pedindo a Deus para dar-lhe conforto e riquezas. É por isso que os judeus quase todos são ricos. Já nós os pretos não tivemos um profeta para orar por nós (JESUS, 2018, p.121).

Assim, de forma poética, Carolina reflete sobre o abandono do povo negro, lamentando que não houve nenhuma figura heroica para conduzir o processo de abolição, pensamento contrário à hegemonia, anteriormente citada, da heroína princesa Isabel. A população negra, para Carolina, esteve jogada à própria sorte, deixando o cativo para viver na pobreza extrema, não sendo possível falar de uma abolição real.

### 3.2- “NÃO SOU EU UMA MULHER”? OS ROSTOS FEMININOS E PERIFÉRICOS QUE CAROLINA MOBILIZA

A discussão que Carolina propõe sobre a condição da mulher periférica é uma das mais completas e realistas de toda a literatura brasileira. Apesar das limitações do contexto misógino em que Carolina estava inserida, e das inúmeras assimilações desse pensamento dominante, a autora se opõe diretamente a diversos arquétipos machistas do período. No decorrer do estudo, elencamos três principais conflitos: a mulher frágil, a maternidade romantizada e o casamento como propósito feminino.

Assim, recorreremos aos argumentos de Ângela Davis (2016) em sua obra *Mulheres, raça e classe* que recupera o discurso da ex-escravizada Sojourner Truth (1851), em que questiona o modelo feminino descrito pelos homens e enraizado no movimento de mulheres:

Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher? (TRUTH, 1851, *apud* DAVIS, 2016, p. 71).

Ao se erguer frente a uma plateia de homens e mulheres brancos da burguesia, Truth abre espaço para se repensar todos os arquétipos baseados na fragilidade natural das mulheres, escancarando que o fato de ser uma mulher pobre e negra, não a anula enquanto uma mulher mesmo que ela nunca tivesse vivido em acordo com os padrões dominantes.

Carolina, por sua vez, trabalha arduamente todos os dias, cantando papel, metal e até comida sem auxílio de qualquer equipamento facilitador do trabalho: “Quando cheguei em casa deitei porque eu catei uns 30 quilos de ferro e latas. E conduzi na cabeça” (JESUS, 2014, p. 113). Esse trabalho era realizado em pé de igualdade com os homens, como evidencia o diário de Carolina: “não havia mais papel nas ruas porque apareceu outro homem para catar” (JESUS, 2014, p.17).

Além disso, a gentileza masculina voltada às mulheres, popularmente chamada de cavalheirismo, não era estendida a Carolina. Ao contar como foi ganhar uma cama do rapaz para quem trabalhava, a autora revela que não estava conseguindo carregá-la, pois não sabia prendê-la no carro de mão. Mesmo com toda a dificuldade, os homens apenas olhavam sem ajudá-la. Ela então afirma: “pensei: eu não vim ao mundo para esperar auxílios de quem quer que seja. Eu tenho vencido tanta coisa sozinha (*sic*)” (JESUS, 2014, p.135).

Poucos são os momentos em que Carolina demarca uma diferença entre homens e mulheres, mas ela percebia a situação de subalternidade a que as mulheres são postas e por isso afirmava: “— Mamãe... eu quero virar homem. Não gosto de ser mulher! Vamos, mamãe! Faça eu virar homem!”. (JESUS, 1986, p, 10) e já na vida adulta relembra “Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria” (JESUS, 2014, p. 53-54). Portanto, Carolina apenas tinha acesso ao masculino como uma figura heroica através dos livros e não em seu dia a dia.

Dessa forma, a autora entende sua condição de mulher através das violências físicas, morais e sexuais que relata durante toda a obra. A autora denuncia os inúmeros assédios às mulheres negras sofrem: “Mas eu não gosto de negociar com portugueses (*sic*). Eles não tem educação (*sic*). São obscenos, pornográficos e estúpidos (*sic*). Quando procura uma preta é pensando explorá-la” (JESUS, 2014, p. 93). A própria Carolina passa por essas situações com muito desconforto, em um trecho do livro relata que homens que não a conhecem lhe propõe o ato sexual: “Ele pegou o lápis e escreveu: a senhora é casada? Se não for quer dormir comigo?” (JESUS, 2014, p.118).

O abuso sexual de crianças é outra temática recorrente, em sua infância, lembra das investidas dos filhos do patrão contra as filhas das empregadas:

Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha! O filho da patroa a utilizaria para o seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor

Já na vida adulta via homens frequentemente oferecem dinheiro em troca de favores sexuais. “A.C disse que pediu dinheiro ao seu pai para comprar um par de sapatos, e ele disse: - se você me dar a... eu te dou 100. Ela deu. E ele deu-lhe só 50.” (JESUS, 2014, p. 179). Então, por serem mulheres, seus corpos são violentados, isso fica claro quando a Carolina fala do pai da filha Vera quando vai pagar a pensão atrasada: “Ele deu-me 120 cruzeiros e 20 para cada filho. Ele mandou os filhos comprar doces para nós ficarmos sozinhos. Tem hora que tenho desgosto de ser mulher. Dei graças a Deus quando ele despediu-se (JESUS, 2014, p. 178). Carolina então, deixa indícios de que houve algum tipo de violência sexual e que ela entende que não aconteceria se fosse homem.

O segundo arquétipo desafiado por Carolina é a noção de maternidade romantizada, a figura materna surgida no século XIX. Naquela, a mulher apenas é completa quando tem um filho, sendo embebida por um sentimento sobrenatural. De acordo com esse pensamento, não existem distinções entre as mulheres, independente da sua condição social, todas são dotadas desse “instinto maternal”. Carolina defende a ideia de uma maternidade forjada na realidade concreta, ela não é uma mãe irracional em defesa de seus filhos, mas uma mulher com a responsabilidade de educar três crianças.

A autora chega a denunciar em seu livro o incentivo ideológico para que as mulheres periféricas tenham filhos, ela questiona a forma com que a igreja deseja criar filhos mesmo que estes passem por privações e trabalhem em funções exaustivas: “De manhã o padre veio dizer a missa [...] disse aos favelados que eles precisam ter filhos. Penso: porque há de ser o pobre quem há de ter filhos – se os filhos de pobre tem que ser operário?” (JESUS, 2014, p.142). Carolina com essa indagação, faz um debate material da necessidade de planejamento familiar e conclui: “Na minha fraca opinião quem deve ter filhos são os ricos, que podem dar alvenaria para os filhos. E eles podem comer o que desejam” (JESUS, 2014, p.142). A maternidade torna-se uma escolha racional, pensada a partir das condições financeiras e não mais um desejo irracional feminino.

Essa responsabilidade de educar, alimentar e sustentar os filhos causa grande sofrimento na periferia, segundo Carolina: “Li que uma senhora e três filhos haviam suicidado por encontrar dificuldades de viver... pobre mulher! Quem sabe se de há muito ela vem pensando em eliminar-se porque as mães tem muita dó (*sic*) dos filhos.”

(JESUS, 2014, p. 62). Por isso, Carolina ver esse suicídio não como uma violência contra o filho, mas uma resistência à pobreza extrema em que vive.

Esse pensamento de Carolina sobre maternidade, é formado pelas condições precárias da periferia, não deixando espaço para o idealismo burguês “Os pretos bebiam pinga à vontade. Quando nascia uma criança, eles bebiam porque estavam contentes. Mas aquela criança que nascia ia viver igual a eles quando crescesse [...]” (JESUS, 1986, p.50-51). Não se trata de uma falta de sensibilidade, mas de uma denúncia à falta de condições para exercer a maternidade de forma plana.

Em vários trechos de seu livro a autora relata a violência doméstica sofrida pelas mulheres periféricas, e também afirma que mesmo com a violência, as mulheres têm orgulho de serem casadas:

A noite enquanto elas pede (*sic*) socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebram as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos socegados (*sic*). Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas (JESUS, 2014, p.16-17).

Assim, a autora se enxerga como uma mulher mais livre e feliz por não ter se casado, pois o casamento na realidade de Carolina é uma espécie de escravidão. A pequena Bitita é julgada por Carolina: “Mas eu ouvia dizer que é o homem quem deve proteger a mulher depois que se casam. Como era linda a mentalidade infantil!” (JESUS, 1986, p.24) Ela opta por não se casar e afirma: “Não casei e não estou descontente. Os que preferiu me eram soezes e as condições que eles me impunham eram horríveis” (JESUS, 2014, p.17) sendo uma escolha consciente de não submissão a essas condições degradantes do casamento.

Carolina não se encaixa no modelo burguês de mulher frágil e, mesmo com as condições precárias, vê seu trabalho como emancipador dessas obrigações impostas ao feminino: “elas alude (*sic*) que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas têm marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas.” (JESUS, 2014, p.16) mostrando então cética ao casamento.

O fato de Carolina ler e escrever também é visto com muitas ressalvas socialmente. Michelle Perrot afirma: “A mulher autora, esta pretensa literata, é detestada, atrai para si todos os sarcasmos. Uma mulher que escreve, e sobretudo que publica, é uma mulher desnaturada” (PERROT, 2005, p. 271), a própria Carolina entendia o seu ato de descrever como um impedimento para o casamento “O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou

na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever” (JESUS, 2014, p. 49). É possível observar que, mesmo que Carolina concordasse com esse impedimento, ela se recusa a se casar diversas vezes, no livro, afirmando assim que o projeto de melhoria de vida de Carolina estava acima do matrimônio.

### 2.3 “AS AVES DEVE SER MAIS FELIZ QUE NÓS”: OS PÉS HUMANOS QUE NÃO PODEM VOAR DA FOME

O último ponto a ser analisado nessa pesquisa é o mais importante de toda a obra, a miséria modal em todos os aspectos da vida da autora e é o principal eixo de construção de suas obras. Os livros analisados revelam que a condição de vida da autora sofreu pouca mudança ao longo do tempo. Carolina inicia a escrita do *Quarto de despejo* no dia 15 de julho de 1955, aniversário da filha Vera Eunice, ela queria comprar sapatos, mas estava sem dinheiro e no relato do Diário de Bitita conta sobre sua infância: “Eu estava descalça porque a minha mãe não pode comprar um ‘pé de anjo’ para mim” (JESUS, 1986, p.14) Os seus livros não são uma simples descrição do cotidiano, mas um retrato cru da pobreza que a cercava. Esse trecho é finalizado com: “Atualmente somos escravos do custo de vida” (JESUS, 2014, p.11).

A autora vai afirmar que o dinheiro que ela ganha trabalhando o dia todo apenas consegue comprar a comida e mais uma vez se assemelha a condição de sua mãe “Minha mãe resolveu voltar para Sacramento, lá ela tinha o seu ranchinho. Ela lutava para arranjar o que comer”. (JESUS, 1986, p.143) Essas semelhanças denunciam não apenas a desigualdade social, mas também a dificuldade da mobilidade social para a população negra, como bem apontou a pequena Bitita:

Minha tia Claudimira trabalhava para os sírios que vinham como imigrantes para o Brasil. E aqui conseguiam até empregada. (...) Pensei: “Será que o Brasil vai ser sempre bom como eles dizem? Porque será que o estrangeiro chega pobre aqui e fica rico? E nós, os naturais, aqui nascemos, aqui nós vivemos e morremos pobres? (JESUS, 1986, p. 61)

Além disso, Carolina inova ao nomear as pessoas com quem convivia conseguindo assim humanizar uma massa de periféricos, de acordo com Meihy: “a generalização da pobreza diz muito do apagamento das individualidades, do anonimato imposto a tantos que são fracionados em suas características pessoais e apenas mostrados como grupo” (MEIHY, 2006, p. 345). Desse modo, Carolina mostra a tristeza

da fome, como a miséria tira a vontade das pessoas de viverem e por nome a autora mostra as pessoas sendo animalizadas, comendo do lixo.

Em 1958, ela descreve o começo do seu dia de forma muito mais pessimista: “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver?” (JESUS, 2014, p. 30). Esse desejo pela morte é muito recorrente no texto de Carolina: “Quero ver como é que eu vou morrer. Ninguém deve alimentar a ideia de suicídio. Mas hoje em dia os que vivem até chegar a hora da morte, é um herói! Porque quem não é forte assim desmaia” (JESUS, 2014, p. 61), mesmo ela não apoiando a atitude por uma questão moral, ela entende que a fome tira a vontade de estar vivo.

Outro ponto citado pela autora é a falta de saneamento básico nas periferias, ela afirma que quando chove tudo se enche de lama: “O dia que chove eu sou mendiga. Já ando mesmo trapuda (*sic*) e suja. Já uso o uniforme dos indigentes”. (JESUS, 2014, p. 55). Esse ambiente insalubre desperta o nojo de Carolina: “Fui buscar água e a fila já estava enorme. [...] Ao redor da torneira amanheceu cheio de bosta”. Além de ser responsável pela infestação de doenças:

Depois fui lavar as roupas na lagoa, pensando no que o departamento Estadual de Saúde que publicou no jornal que aqui na favela do canindé há 160 casos positivos de doença do caramujo. Mas não deu remédio para os favelados. A mulher que passou o filme com as demonstrações da doença caramujo nos disse que a doença é muito difícil de curar-se. Eu não fiz o exame porque não posso comprar remédio (JESUS, 2014, p.100).

Nessa situação de vulnerabilidade vai impactar diretamente a autoestima de Carolina, ela sofre racismo por esta suja, pois apoiado em um estereótipo conceituoso Carolina várias vezes é chamada de “negra fedida” a e responde: “Se estou suja é porque não tenho sabão” (JESUS, 2014, p. 98). Ilustrando o que Saffioti afirma “Assim, a higiene pessoal não é reflexo da raça, mas sim das condições sociais de existência. Quando ao negro se oferecerem boas condições de desenvolvimento, ele poderá revelar-se tão bom ou melhor que o branco” (SAFFIOTI, 1987, p. 52)

Essa situação degradante é muito comum na periferia e a autora afirma que essa comunidade é uma cidade autônoma dentro de São Paulo: “A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o diabo. Percebo que todas as pessoas que residem na favela, não aprecia o lugar” (JESUS, 2014, p. 91). Esse tom de crítica que Carolina põe em todo o seu texto vai de encontro a Evaristo afirmando que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” (EVARISTO, 2007, p.21).

Carolina descreve a dor da fome das mais diversas formas. Segundo a autora, a falta de comida torna os seres humanos apenas animais e às vezes até menos que estes: “Nós somos pobres, viemos para as margens do rio. As margens do rio são os lugares do lixo e dos marginais. Gente da favela é considerada marginal. Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos” (JESUS, 2014, p. 48), o ato de procurar comida no lixo é uma das grandes tristezas da autora.

Ela também denuncia o despejo de comida estragada na periferia: “Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual a Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguidos pela fé. E nós, pela fome” (JESUS, 2014, p.146) Fazendo uso dessa uma analogia religiosa, Carolina tenta dar a dimensão ao leitor do problema da fome e conclui: “Naquela época os que não queriam morrer deixavam de amar a Cristo. Mas nós não podemos deixar de comer” (JESUS, 2014, p.146), ou seja, não existe para o periférico a possibilidade de não comer os dejetos.

Contudo, a autora não perde o tom poético com que faz suas denúncias mesmo ao descrever o sentimento de passar o dia inteiro com fome: “As aves deve (*sic*) ser mais feliz que nós. Talvez entre elas reina amizade e igualdade. [...] O mundo das aves deve ser melhor do que dos favelados, que deitam e não dorme porque deitam-se sem comer”. (JESUS, 2014, p. 30). Essa amizade que Carolina cita é a solidariedade que ela não encontra nas pessoas que cercam a periferia: “Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer” (JESUS, 2021, p. 39). Mesmo que essa carne fosse jogada no lixo, era preferível deixar estragar a fazer a doação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A escritora Carolina Maria de Jesus narrou parte da sua história através dos seus dois diários aqui estudados. O cotidiano é matéria prima da literatura subalterna de Carolina, no Quarto de Despejo ela retrata as mudanças pelas quais passava a sociedade brasileira no período pós-abolição. com o desenvolvimentismo, a industrialização sem planejamento, inchamento dos centros urbanos e a marginalização da população pobre, em sua maioria negra e imigração italiana para o Brasil. A favela então é uma construção do poder público, que se encarrega de trazer os moradores e quando a cidade se expande, se encarrega de deslocar os moradores para futuras favelas

Nesse sentido, Carolina expõe as injustiças sociais nas periferias com a produção de um texto autobiográfico que exprime seu lugar social de mulher, negra, periférica, com pouco acesso à educação formal e mãe solo. Porém, não é só o relato do cotidiano, pois se trata de uma crítica e de uma reflexão sobre a vida. Com temas relacionados a opressões de gênero, raça e classe, a autora se opõe a história oficial que heroiciza Juscelino Kubitschek, também questiona o abandono do Estado das pessoas da periferia. Chegando a questionar a falta de vivência dos governantes, o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (Jesus, 2006, p. 26). Sua obra não pode ser reduzida a uma simples exposição de individualidades, mas analisada como uma tomada de consciência social. Nesse sentido, afirmo que a partir da leitura da Carolina Maria de Jesus, passei a refletir melhor a ideia de me expor, e fazer do meu corpo, da minha pele também um instrumento de luta.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, Maria Betânia. **As mulheres no mundo do trabalho e a relação corpo e sujeito**. Cadernos de Crítica Feminista, n. 4, ano V, p. 48-71, dez. 2011.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polém, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Hollanda, Heloísa Buarque (org). **Pensamento feminista - conceitos fundamentais**, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2002.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (org.) **A história contada: capítulos de História social da Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 7-13.

COSTA, Renata Jesus da. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus**, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane. 2008. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DANTAS, Audálio. Casa de alvenaria: História de uma ascensão social. In: JESUS, **Carolina Maria. Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Candiani, Heci Regina. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. **Quotidiano e poder : em São Paulo no século XIX**. 2. ed.rev. São Paulo: Brasiliense, 1995.

EVARISTO, Conceição. Fêmea fênix. **Maria Mulher** – Informativo, ano 2, n. 13, 25 jul. 2005.

GONZALEZ, Lélia e HASENBALG Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1982

GONZALEZ, Lélia, Lélia Gonzalez: **Primavera para as rosas negras**, São Paulo: UCPA Editora, 2018

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Sacramento (MG): Bertolucci Editora, 2007.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.

- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: EdUNICAMP, 1990.
- MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Os caminhos literários de Carolina Maria de Jesus: experiência marginal e construção estética**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Filosofia letras e ciências humanas, 2013
- MOURA, C. **Dialética radical do negro no Brasil**. São Paulo: Anita, 1994.
- MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. 2. ed. São Paulo: Global: 2016.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2ed. São Paulo: Perspectiva S. A, 2016.
- SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Perseu Abramo, 2015.
- SILVA, Carlos Fernando Ribeiro da. **Contradições em Carolina Maria de Jesus**. 2013. 32 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) —Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:< <https://bdm.unb.br/handle/10483/5377>> Acesso em: 2 jul. 2021.
- SILVA, José Carlos Gomes da **Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas**. História & Perspectivas, v. 39, p. 22-37, 2008.